



**B
O
A

V
I
A
G
E
M**



BOA VIAGEM

BENJAMIN SODRÉ

Todos os quartos domingos de cada mês, desde 1937, o Apostolado de N. S^a da Boa Viagem faz realizar na encantadora e tradicional capela da Ilha Sagrada, uma festiva missa.

A do mês de dezembro, ainda como homenagem à Semana da Marinha é dedicada aos marinheiros do Brasil. Na data, são convidados oficiais e marujos para comparecer à referida cerimonia.

Hoje, como de há séculos, os marinheiros que passam ao largo da ilha da Boa Viagem, demandando a barra, erguem um olhar contrito e confiante para a capelinha branca que alveja bem no cume da montanha. Ali se abriga, solícita e milagrosa, a N. S.^a dos Navegantes, a padroeira dos Homens do Mar!



VISTA PARCIAL DA CAPELA.

Santa e capelinha são bem nossas, dos marinheiros, da Marinha.

Mas, se todos a olham de longe, ao lhe dirigir as suas preces, raros são os que têm tido oportunidade de subir a extensa escadaria, de puro e trabalhado granito, construída há séculos; de sentir o ambiente de isolamento conventual que se tem no

alto da ilha e nos seus bucólicos recantos, de traspasar os umbrais da igreja modéstia e linda que abriga a santa milagrosa cuja imagem é verdadeira obra de arte pela delicadeza das feições e encantamento dos coloridos.

Não só a igrejinha constitui atração na ilha de Boa Viagem. Além dela, há obras seculares, como o forte, denominado outrora Forte da Barra, construído, segundo as crônicas, no século XVII; a escadaria de granito que, subindo desde a ponte de atracação na praia, vai até ao plano da igreja e desce para o forte pelo outro lado, com mais de duzentos degraus; o portão monumental que constitui a entrada propriamente da ilha; e duas cisternas em forma de poço, maravilha

de construção daquela época, sem contar as belezas naturais a começar pela incomparável paisagem. De lá domina-se um setor que abrange todo o horizonte; para o sul, a barra e o oceano, até onde alcança a visão do homem; para o norte a Serra dos Orgãos e o fundo da baía; por oeste, a cidade, a silhueta dos morros, com picos do Corcovado, Gávea, Tijuca; a leste, o Saco de S. Francisco – comparável à mais bela das vistas de um lago suíço.



***VISTA PARCIAL
DA CAPELA.***

Aos edifícios seculares vieram reunir-se mais recentemente o “castelo da Boa Viagem”, como orgulhosamente o chama os escoteiros, a casa da guarda e uma ponte nova de

atracação, e construída pela Marinha durante a Primeira Guerra, para ser instalado ali o Comando de Defesa do Porto.

Aos Escoteiros do Mar detentores da ilha desde 1937, por ato do Ministro da Marinha, foi confirmada a sua posse com todas as novas construções para servir de sede às Comissões, aos Grupos, e à Escola de Chefes.

Tudo está perfeitamente conservado o que constitui trabalho insano, pois, os ventos de sudeste que castigaram duramente a ilha sacrificam de muito os edifícios.

Tem a Boa Viagem passado por muitas e acidentadas fases. Numa carta levantada em 1711 por Duguay-Trouin, a ilha era bastante afastada de terra. Atualmente é ligada ao

Quanto à igreja, embora não existam documentos precisos sobre a data de sua construção, historiadores categorizados afirmam haver sido ela erguida pelo meado do século dezessete, tendo sido várias vezes destruída e reconstruída. Há uma lápide existente na porta lateral que diz: “Principiou esta obra em 1734 sendo Mre. Amaro da Sva, Eng, Dor. J. de Farias Rº Pre. Mel. Ces. De C. e mais 173 devotos”. Trata-se certamente de uma reconstrução. Em 1860 foi novamente reerguida, pois um incêndio a destruíra totalmente, “Naquela época de grande devoção, gozava a igreja de muito prestígio entre a gente do mar”.

continente por uma língua de areia que dá passagem a pé enxuto na maré baixa e por uma ponte de cimento construída em 1909 em substituição a uma antiga de madeira até então existente.

Em 1810 existiu na ilha um lazareto mantido por contribuição de todos os navios mercantes com uma quota que variava de 400 a 1.200 reis, conforme a lotação.

Também lá esteve durante algum tempo a Escola de Aprendizes de Marinheiros, transferida mais tarde para a ilha das Cobras.



ALTAR MOR DA CAPELA.

Em 1909 pertencia a ilha da Boa Viagem à Associação Protetora dos Homens do Mar. Várias obras foram realizadas por essa benemérita associação, entre as quais outra reconstrução da igreja, da qual nessa época, novamente, só existiam as paredes. A imagem da santa que se encontrava na Igreja da Lapa dos Mercadores, foi trasladada para a sua capelinha da ilha. Uma festa linda, sendo a santa, entre hinos, música e foguetes transportada pelo mar com grande acompanhamento de toda a sorte de barcos.

Mais alguns anos, tornou a ser abandonada, sendo a imagem recolhida desta vez à capela do Hospital da Marinha. Aí, muitos oficiais e marujos deviam ter ajoelhado diante daquela figura surpreendentemente linda, que tem, em arco sobre a frente, um lema: “Iter para Tutum” – “o caminho seguríssimo”.

Por volta de 1918 a Associação Protetora dos Homens do Mar foi extinta e a Boa Viagem passou ao Ministério da Marinha.

Em 1922 lá subi pela primeira vez. Era eu primeiro-tenente embarcado no C. “Rio Grande do Sul”. Costumava

sair com os marinheiros da minha divisão em patescarias à vela. Num dos nossos bordejos abordamos a ilha, na encosta de oeste, e escalamos por uma escada a pique, talhada na pedra. Desejávamos visitar a ilha e a igreja. Mal nos aproximamos da porta principal uma decidida e rechonchuda matrona interpela-nos asperamente: - “O que querem aqui?”. Respondemos humildemente – “Visitar a igreja. Ser-nos-á possível?” – “Qual igreja qual coisa nenhuma. Isto aqui é casa de família, e os senhores fizeram muito mal subir sem ordem! Meu marido é sargento da Marinha e eu vou dar parte a ele”. Pedimos desculpas e retrocedemos penalizados e decepcionados. A linda igreja que tanto cobiçáramos, era uma simples residência, embora de um companheiro.

Entretanto, a subida da ilha permitiu-nos entrever os encantos do lugar, as lindas praias, os maravilhosos recôncavos, cheios de reentrâncias e cavernas cavadas pelo mar, no seu eterno embate.

Desde esse dia, passamos a tomar a formosa ilha como ponto preferido de excursão para os nossos Escoteiros do Mar. E lá íamos seguidamente, como coisa nossa.

E assim, no ano de 1932, quando o reverendo padre Luís Arnaud, então vigário de São Domingos, iniciou uma campanha para a reconstrução e reestabelecimento do culto da igreja, estivemos ao seu lado, ajudando-o a passar entre marinheiros e escoteiros, imagens da santa, em troca das quais foi possível angariar a quantia necessária para fazer com que a igreja pudesse novamente receber a sua padroeira.

tocaram durante a transladação: uma da Marinha, uma do Exército e outra da Polícia do Estado do Rio. E acompanhada de muitos milhares de pessoas, tendo à frente o bispo de Niterói d. José Pereira Alves, as irmãs do nosso hospital e representantes do Governo do Estado, a santa foi reposta no seu altar. Em 1937, já o ver. Padre Arnaud fora transferido de São Domingos e a vida

ESCOTEIROS NA MISSA - 1977



No dia 2 de setembro de 1934, em memorável procissão, a imagem foi descida do Hospital de Marinha e, transportada num rebocador do Arsenal, seguiu para Niterói acompanhada por muitas embarcações miúdas da marinha, de pescadores, dos Escoteiros do Mar e dos clubes de regatas. Três bandas de música

religiosa da capelinha declinara, quase paralisara, fazendo prever para breve uma nova mudança, quando o Ministério da Marinha, diante da desnecessidade de conservar a ilha, o que importava em despesas e trabalhos, resolveu doá-la, a título precário, aos Escoteiros do Mar.

Iniciou-se uma vida nova, a ilha passou a ser fiscalizada, policiada, moralizada. A igreja foi entregue ao zelo das Bandeirantes e estas, num trabalho constante durante onze anos mantiveram vivas a fé, a confiança e a crença dos devotos de N. S.^a da Boa Viagem. Desde então, em todos os quartos domingos de cada mês, é rezada uma missa seguida de solenidades Bandeirantes e Escoteiras. A ilha tem recebido, a convite dos Escoteiros, visitas de grande expressão – o bispo d. José Alves rezou a primeira missa depois da posse dos escoteiros; todos os que sucederam d. João, d. Carlos, d. Antonio repetiram o mesmo ato. O cardeal d. Jaime Câmara, após a missa, na qual fez expressiva prédica, dignou-se a presidir as solenidades escoteiras que se seguiram. O almirante Guilhem, quando Ministro da Marinha, dando sempre um grande apoio moral aos escoteiros, lá esteve por várias vezes; o Ministro Daniel de

Carvalho; o almirante Gago Coutinho; o almirante Amaral Peixoto quando Governador do Estado e muitas outras destacadas personalidades. Não só os bispos como o cardeal tiveram a mesma expressão, diante do silêncio, da imponência, do isolamento que se sente na pequena colina, suspensa entre o céu e o mar: “Não se tem mais vontade de descer. É divino!” Muito expressiva, também, foi uma frase, dita com grande espontaneidade, por um aluno da Escola de Chefes Escoteiros do Mar, moço modesto, operário da DAM, numa noite em que a escola se encontrava acampada no alto da ilha, num término de curso. Era um sábado, proximidades do carnaval. Os sons da cidade chegavam surdamente lá em cima, uma mistura vaga de bruaá com os sons de batuques e cantorias. As estrelas brilhavam com desusado fulgor. As orações da noite haviam terminado. Um imponente silêncio envolvia tudo.



**VISITA DO CARDEAL
DOM JAIME CÂMARA
14.07.1947**

- “Chefe: que estarão os homens fazendo lá na Terra...?” Um silêncio mais profundo se seguiu à observação do companheiro... – Realmente todos tínhamos a sensação de estar longe do Mundo, numa impressão de isolamento que era mais do Céu do que da Terra!



ESCOLA NACIONAL – CURSO DE CHEFES ESCOTEIROS DO MAR 1942

É isso a Boa Viagem. É essa maravilha do Brasil considerada patrimônio histórico nacional, dos mais belos, que os Escoteiros do Mar e o Apostolado convidam a Marinha visitar.

‘ESCOTEIROS DO MAR’ NA MISSA EM 1959





Os GAVIÕES DO MAR - O 4º Grupo Escoteiro do Mar Gaviões do Mar foi fundado em 3 de dezembro de 1936 pelo Chefe Lauro Sodré Neto, os escoteiros Jorge P. Capeto, Paulo P. Capeto, Haroldo Ramos, Galeno B. de Moraes, Benjamin Sodré Júnior, Ruy C. Sodré e os lobinhos Pedro P. Capeto, Lineu B. de Moraes, Alzir Sodré e Luiz Sodré. O nome ‘Gaviões do Mar’ foi escolhido para dar prosseguimento ao pacto de jovens que faziam parte do Grupo de Escoteiros do Mar da Ilha de Paquetá, de nunca fechar sua patrulha que chamava-se ‘Gaviões do Mar’.

As primeiras patrulhas se chamaram ‘Gaviões Azuis’ e ‘Gaviões Brancos’. Os lobinhos, ‘Gaviões Mirins’. As atividades do grupo inicialmente eram na praia da Boa Viagem e a primeira atividade náutica foi realizada em 12/12/1936, com instrução de ‘vozes de comando e governo de embarcação a remo’ no Navio Cruzeiro NC-4 ‘ALERTA. Com o advento da cessão da Ilha de Boa Viagem para os Escoteiros do Mar o grupo recebeu sede na ilha da Boa Viagem e construíram sua própria sede de 18/01 a 05/05 de 1938 com doações do Comandante Amaral Peixoto, o interventor do Estado. Em 11/10/1938 o Velho Lobo passa a integrar os Gaviões do Mar. Em 07/07/1940 receberam a visita do heroico Almirante português Gago Coutinho, que deixou no livro de visitas a seguinte mensagem: “Que os Escoteiros do Mar tenham sempre o sucesso que merece a inteligência e pertinácia com que se dedicam ao trabalho, tornando-se futuros homens do mar, e, portanto, homens capazes de tudo!”. No mesmo ano saíram para fora da barra no NP-9 para cumprimentar os corajosos jangadeiros que vieram de Fortaleza ao Rio navegando de jangada artesanal. Em 23/12/1941 os Gaviões do Mar fizeram a distribuição dos presentes de Natal aos pobres, a pedido do interventor Amaral Peixoto. Em 1942, após receber as diretivas do Presidente da UEB, os Gaviões do Mar trabalharam junto com a Marinha do Brasil na Ilha da Boa Viagem, quando foi construída a ‘Teia antissubmarino’ partindo da Boa Viagem até a Fortaleza São João e o ‘Castelo dos Escoteiros do Mar’. Após o desmoronamento da sede antiga construída pelos Gaviões do Mar, o grupo ocupou de vez o Castelo que também passou a servir de Hotel de Trânsito para escoteiros. Em 1961, liderados pela sua Chefe Maria Pérola Sodré, os Gaviões do Mar participaram do contingente que trabalhou por mais de 1 ano no salvamento das vítimas do incêndio do Gran Circo Norte Americano. Vencedor em diversas Regatas na Baía da Guanabara, em torneios escoteiros e acampamentos o 4ºGEMAR Gaviões do Mar formou milhares de jovens dentro dos princípios do escotismo em Niterói. Recentemente trabalhou com afinco no resgate das vítimas durante os desastres no Morro do Bumba e na organização do recolhimento de doativos nos desastres da Região Serrana. Foi reconhecido recentemente com Moção de Aplausos pela ALERJ em 2007, pela Câmara Municipal de Niterói em 2010 e com a Medalha Tiradentes pela UEB em 2012 pela relevância da sua história e pelo seu trabalho com a comunidade.

***A nova diagramação, novas fotos e o texto complementar foram feitos por Andre Torricelli F. da Rosa – “Urso Polar” – ano 2012.**